



Opinião Econômica

Solange Srour

Economista-chefe do
Credit Suisse Brasil



Desequilíbrio fiscal ainda não é visto como questão urgente

Incertezas sobre contas públicas trazem pressões altistas para a curva de juros

As incertezas sobre nossas contas públicas têm trazido pressões altistas para a curva de juros e impedido que o real se valorize com o aumento do diferencial de juros. Prova disso é que, na semana passada, tivemos a pior performance entre as moedas de economias emergentes. Nem mesmo a divulgação de mais um IPCA bem comportado, na última quarta-feira (9), evitou que a curva de juros chegasse a embutir uma Selic perto de 13,5% ao final de 2025.

A discussão sobre a isenção de Imposto de Renda para salários até R\$ 5.000, cujo custo será elevado mesmo se implementado de forma mais restrita, foi um fator de estresse. Além de aumentar a desconfiança dos investido-

res sobre a estabilidade de nossa dívida, a proposta confirma que a direção da política fiscal continuará sendo expansionista, apesar de a economia não dar sinais de desaceleração.

A iniciativa também expõe a falta de coordenação entre as políticas econômicas. Isso porque é tratada ao mesmo tempo em que o ministro da Fazenda busca novas receitas para sustentar metas desafiadoras de superávit primário, enquanto o Banco Central tenta conter a deterioração das expectativas de inflação que, em parte, sobem pela falta de uma âncora fiscal.

Até agora, a maioria dos sinais revelavam que nosso desequilíbrio fiscal não era visto

como uma questão urgente por quem deveria liderar o processo de ajuste. A inconsistência que está sendo questionada no arcabouço fiscal é o ritmo da redução das despesas obrigatórias, e sobre isso havia, até agora, pouca ênfase nos pronunciamentos da equipe econômica.

No entanto, nos últimos dias, temos visto uma reação importante do Ministério da Fazenda. A “batata quente”, como afirmou Fernando Haddad em entrevista a Mônica Bergamo nesta terça-feira (15), teria virado prioridade e está sendo analisada pelo presidente.

Para os investidores, endereçar a questão do arcabouço significa fazer uma revisão significativas de gastos -como segu-

ro-desemprego, BPC e abono salarial, além da desvinculação da saúde e educação.

Se medidas relevantes não vierem neste ano, os preços dos ativos domésticos irão incorporar a volta da Nova Matriz Econômica e as conversas de dominância fiscal retornarão. Em 2015, esse ambiente levou os juros reais de dez anos no Brasil a um patamar perto 8%, na esteira de uma depreciação cambial de mais de 60%.

Alguns pontos de comparação entre nossa situação atual e a de 2015 são preocupantes. Temos agora uma dívida/PIB de cerca de 78%, sendo 45% dela pós-fixada. Em 2015, tínhamos cerca de 64% de dívida/PIB, com 22% dela pós-fixada. Ou seja, tanto a alta da

Selic quanto o comportamento da nossa curva de juros têm hoje um impacto bem maior na dinâmica da dívida.

O contexto internacional também é outro atualmente. Há nove anos, o juro nominal americano de dez anos estava perto de 2% e agora está em cerca de 4%. Ou seja, nosso diferencial de juros está muito menor do que em 2015.

O teto de gastos foi criado em 2016, depois de passarmos por uma crise econômica gravíssima, que deixou a classe política muito preocupada. Se não enfrentarmos a questão fiscal em breve, nosso crescimento será sacrificado para que, enfim, possamos trazer regras fiscais críveis e juros mais baixos.

A Conta Digital do Banri é um sucesso.

- Sem mensalidade
- Sem comprovantes
- Com cartão de crédito*

Baixa o app:



banrisul

*Sujeito à análise de crédito.

Com 71 voos e 9 mil passageiros diários, Aeroporto Salgado Filho retorna segunda-feira

/ AVIAÇÃO

Bárbara Lima

barbaral@jcrs.com.br

O Aeroporto Salgado Filho retoma as operações na próxima segunda-feira com 71 voos (pousos e decolagens) e a previsão de 9 mil passageiros diários. O primeiro voo, da companhia aérea Azul, pousa em Porto Alegre às 8h10, e o primeiro a decolar será às 8h50. Nesta reabertura parcial, os voos nacionais terão como destino São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. As informações foram divulgadas, ontem, em coletiva de imprensa no primeiro piso do aeroporto.

Segundo a Fraport, na semana seguinte, no dia 28 de outubro, a frequência de voos aumentará para 98, com 15 mil passageiros por dia. No dia 4 de novembro, a expectativa é de 122 voos e movimentação de 16 mil passageiros. Com o retorno do Salgado Filho, o uso da base aérea de Canoas pela Fraport será desativado. A estimativa é que, com o retorno do aeroporto, o número de passageiros

dobre já no primeiro dia.

Na primeira etapa, embora o aeroporto fique aberto durante 24 horas, os voos ocorrerão apenas das 8h às 22h, já que, durante a madrugada, as obras de infraestrutura continuarão. O check-in permanecerá na área internacional, no segundo piso; o embarque será realizado no terceiro piso; e o desembarque retornará ao local original, no primeiro pavimento. O embarque de passageiros por meio de aplicativos de mobilidade e táxis voltou a ser feito no térreo. Os passageiros devem consultar os horários de check-in e embarque com as operadoras. A expectativa é que, com o retorno dos voos internacionais, haja disponibilidade de viagens durante a madrugada.

Em relação aos voos internacionais, a previsão de retomada continua para o dia 16 de dezembro, quando as obras no restante da pista, fortemente danificada pela enchente, devem ser concluídas.

Na reabertura do dia 21, a concessionária prevê que 70% dos lo-

gistas e operações no aeroporto estarão de volta, com possibilidade de expansão nas semanas seguintes e novidades. Sobre os 30% que ainda não retornaram, o diretor de operações, Fabrício Cardoso, afirmou que nenhuma loja optou por desistir e que é questão de tempo para reabrir. “As que ainda não voltaram estão realizando novas contratações, treinamento ou modificando o layout, mas manteremos todos os parceiros que tínhamos antes”, disse ele.

Desde as cheias de maio, o aeroporto passa por reformas no terminal de passageiros e na pista. Para a abertura parcial, foram realizados reparos na pista de pouso e decolagem (1.730 m), nas taxiways e no pátio de aeronaves. A recuperação completa da pista para voos internacionais (fase 3) inclui o restauro dos 3,2 mil metros, dos demais taxiways, dos pátios de aeronaves e a infraestrutura completa do terminal de passageiros.

“Estamos com 68% desta etapa (fase 3) concluída. Estamos trabalhando nos 2,4 mil metros de

pista que não serão entregues agora, mas as obras já estão em andamento. O primeiro pavimento e algumas subestações estão previstas para conclusão, assim como o sistema de bagagem doméstica”, acrescentou o diretor de infraestrutura, Cássio Gonçalves.

Questionado pela reportagem sobre o retorno das companhias aéreas ao Salgado Filho, o diretor de operações, Fabrício Cardoso, considerou o movimento

“surpreendente”. “Elas estão interessadas em voltar. Só não vamos retomar todos os slots (autorização para uma operação de pouso ou decolagem) de imediato porque o mercado da aviação se adapta. Quando o aeroporto ficou fechado, as aeronaves não ficaram paradas esperando. Proporcionalmente, teremos mais movimento do que antes da enchente. Para voos internacionais, as perspectivas também são boas”, ponderou.



As informações foram divulgadas durante coletiva de imprensa ontem